



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2018: XIV SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
<b>Ano</b>	2018
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	Investimentos diretos chineses: os casos do Porto de Gwadar-Paquistão e do Porto de Paranaguá-Brasil (2008-2018)
<b>Autor</b>	VINICIUS LERINA FIALHO
<b>Orientador</b>	JACQUELINE ANGELICA HERNANDEZ HAFFNER

**RESUMO:** O presente trabalho tem como foco fomentar os estudos sobre os investimentos diretos externos (IDE) chineses no Paquistão (na perspectiva da Nova Rota da Seda) e no Brasil (na perspectiva da cooperação sul-sul e do grupo Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (BRICS)). Sendo escopo para análise os casos do Porto de Gwadar-Paquistão e o Porto de Paranaguá-Brasil. O Estado chinês tornou-se protagonista em investimentos diretos em regiões como: Ásia; África e América Latina. Tornando relevante mencionar o Projeto da Belt and Road Initiative (BRI) para a Ásia; investimentos, prioritariamente, em infraestrutura na África; e investimentos na América Latina, com objetivo principal pela demanda por recursos naturais e por ampliação de mercado; sendo a característica geopolítica dos IDE chineses um ponto em comum nos três casos. Diante do processo de remodelamento da ordem econômica mundial, conceito de Giovanni Arrighi, identifica-se o tema como relevante no momento que para compreendermos o século XXI é preciso estudarmos a atuação chinesa no cenário global, emergindo como uma nova potência a “Novíssima China” (VISENTINI, 2011). Ou seja, o reordenamento chinês em escala internacional passou pela percepção do governo de Xi Jinping sob a importância e a necessidade dos investimentos diretos deste país no cenário mundial. Nesse sentido, o estudo está pautado por formuladores das teorias ligadas aos IDE nos países em desenvolvimento, a partir de análises referentes à condução, formulação e execução da Economia Política Internacional, tendo como foco a atuação dos investimentos diretos chineses no século XXI. Desta forma, utilizaremos: livros, artigos, boletins de análise de conjuntura entre outros. Além disso, buscou-se a partir, também, de mídia impressa, tratados, acordos, reuniões de cúpula e discursos, fazer um estudo de como estes documentos podem contribuir para uma melhor compreensão tanto histórica como atual da participação da China no Paquistão e no Brasil. Objetivamos neste artigo esboçar sobre os IDE chineses no Paquistão com enfoque no Porto de Gwadar e no Brasil com o Porto de Paranaguá. Sendo assim, procurou-se ensaiar resposta à seguinte questão: Qual é a importância para o Paquistão e para o Brasil dos investimentos diretos chineses tendo como enfoque o Porto de Gwadar e Porto de Paranaguá? Constatamos que, nos dois casos há diferenças de atuação do Estado chinês, no qual atua no Paquistão dentro da perspectiva da BRI onde o Porto de Gwadar se insere como o ponto geoestratégico no Mar Arábico (Golfo Pérsico), enquanto o Brasil ainda recebe investimentos chineses respaldados pela percepção de recursos naturais e busca de mercado, tendo uma maior aproximação a partir do avanço da cooperação sul-sul e BRICS. De fato, os investimentos no Porto de Gwadar tornam-se importantes para o desenvolvimento da economia do Paquistão, uma vez que a região do Baluquistão enfrenta graves problemas de insegurança e de baixo desenvolvimento. Já no caso do Porto de Paranaguá, muito embora este passe a receber maiores investimentos, não significa dizer em termos práticos que este passará a fomentar um amplo projeto de desenvolvimento regional, significando, mesmo que preliminarmente, uma priorização pelo aperfeiçoamento no que competem ao escoamento de grãos provindos, em suma, das regiões sul e centro-oeste do Brasil via exportação. De acordo com isso, é perceptível o aumento dos fluxos de IDE chineses em escala global, a entrada do século XXI representou para Pequim um realinhamento em sua inserção regional e internacional. O 11 de setembro e a política Contra o Terror dos Estados Unidos significaram para este país como um marco para uma política de intervenções e de banalização da região do Oriente Médio e, consequentemente, aumento da desconfiança e descontentamento dos países dessa região, bem como da Ásia Central e Meridional como um todo. Assim, a China passou a ser a verdadeira vencedora da Guerra Contra o Terror (ARRIGHI, 2008), uma vez que baseada na cooperação win-win relacionou-se cada vez mais com os países que estavam e, até mesmo, os que não estavam na égide da política externa norte-americana. Além disso, Pequim passa a priorizar de forma cada vez mais ampla os continentes da Ásia, África e América Latina e Caribe, tendo seus investimentos enfoques diferente, mas sob a forte perspectiva geopolítica. Somado a Guerra Contra o Terror, foi o contexto de pós Crise de 2008, que refletiu como a grande oportunidade para a inserção mais assertiva da China, uma vez que as potências ocidentais estavam “mergulhadas” em graves crises financeiras, abrindo-se as portas para Pequim. Dentro deste contexto, as agendas dos países em desenvolvimento ou do terceiro mundo passam a ver nas suas relações com a China uma alternativa para investimentos em áreas ou setores com defasagem em infraestrutura, econômica, social e tecnológica. Angaria-se assim, uma ampliação na gama de investimentos externos e o Estado chinês junto a suas empresas passa a refletir um novo momento das relações internacionais. Em contrapartida, deve-se analisar também o que há por de trás dos investimentos e da cooperação, pois a projeção chinesa que deve ser notada e estudada cada vez mais pelos países receptores dos IDE, pois o grau de vulnerabilidade externa (perda de soberania) é latente, principalmente no que tange setores estratégicos. Em síntese, as negociações para aquisição de empresas ou setores nacionais a qualquer capital estrangeiro, neste caso em específico o chinês, tem que ser amplamente debatido pelos órgãos institucionais dos governos, junto a institutos de pesquisa acadêmica e sociedade civil organizada priorizando sempre o desenvolvimento econômico e a soberania nacional. Por fim, no caso brasileiro em específico, é importante aprofundar cada vez mais os estudos sobre a BRI, pois em um futuro próximo esta Iniciativa poderá ser instituída no subcontinente latino americano, sendo o Corredor Econômico China-Paquistão um importante elo para esta compreensão. Palavras-chave: China. Paquistão. Brasil.